

MINHA VIDA COM CÂNCER

Quando viver deixa de ser óbvio

Letícia Lanz

Análise Crítica 05

Como crítico literário, apresento abaixo uma análise estruturada da obra **Minha Vida com Câncer: Quando Viver Deixa de Ser Óbvio**, de Letícia Lanz, considerando sua arquitetura narrativa, densidade conceitual, estilo, inserção no cânone das escritas do adoecimento e suas tensões internas.

1. Enquadramento Genérico e Propósito Autoral

A obra situa-se num território híbrido: memória clínica, ensaio psicanalítico e crônica da finitude. Lanz recusa explicitamente os rótulos de autoajuda ou narrativa de “superação heroica”, optando por uma escrita que opera no limiar entre a exposição da vulnerabilidade e a distância analítica. A psicanálise não aparece aqui como aparato teórico externo, mas como “gramática interna de elaboração”: a autora usa seu próprio ofício para nomear o inominável, transformando o setting analítico em espelho da experiência clínica. Esse movimento confere ao texto uma autoridade rara, pois quem escreve é simultaneamente sujeito da dor e intérprete do sintoma.

2. Estrutura Narrativa e Voz Subjetiva

A primeira pessoa em Lanz não é confessional por vazío, mas por método. O livro é organizado em fragmentos temáticos que funcionam como estações de uma travessia, e não como linearidade cronológica. Essa escolha espelha a própria experiência oncológica: cíclica, imprevisível, marcada por avanços e recuos.

A voz oscila entre a paciente que habita o corpo colapsado (“síndrome da ameiba”, náuseas, diarreia, exaustão) e a analista que observa a contratransferência e os mecanismos de defesa; a cidadã que denuncia a desigualdade sanitária e a parceira/pai/avô que tece afeto como antídoto.

Essa polifonia interna é sustentada por um ritmo prosódico cuidadoso, evitando tanto o melodrama quanto a frieza acadêmica. A autora demonstra maturidade literária ao nomear seus próprios limites (“se tiver que desabar, desabo”) e ao recusar a narrativa bélica do “combate ao câncer”, alinhando-se a Susan Sontag sem cair no pastiche.

3. Arquitetura Conceitual: Psicanálise, Finitude e Espiritualidade Laica

O eixo filosófico da obra é a transição do “Por que eu?” para o “Por que não eu?”, movimento que Lanz ancora no “Amor Fati” nietzschiano e na aceitação freudiana da realidade. A psicanálise é mobilizada para:

- Desmontar a culpa moralizante associada à doença;
- Nomear a angústia sem objeto em oposição ao medo com objeto definido;
- Ler o câncer como experiência do “abjeto” (Kristeva): a dissolução dos limites entre eu/outro, vivo/morto, limpo/sujo;
- Pensar a “contratransferência” no setting analítico quando a analista também é ferida.

A espiritualidade apresentada é desdogmatizada e opera como “dispositivo de regulação psíquica”. O mantra “Eu confio, entrego, recebo, aceito, agradeço” funciona menos como prece religiosa e mais como técnica de ancoragem no presente, uma espécie de “holding” winnicottiano autoadministrado. Lanz evita a armadilha do otimismo tóxico ao propor um “realismo otimista”: fé na vida sem ilusão de controle, ação consciente sem romantização do sofrimento.

4. Estilo, Intertextualidade e Recursos Literários

A prosa de Lanz é clara, precisa e pontuada por uma “intertextualidade orgânica”. Epígrafes (Chico Buarque, Gilberto Gil, Mário Quintana, Caetano, Pessoa, Drummond) não são ornamentos, mas ressonâncias temáticas que dialogam com o corpo do texto. O uso da metáfora é cirúrgico:

- “O espelho partido”: a figura do analista como farol que se racha e se recompõe como companhia;
- “Sucumbir é âncora, enfrentar é vela”: a tensão entre paralisia e movimento;
- “Pequenos subornos”: a negociação egóica como higiene psíquica;
- “Filmes de terror como catarse”: o cinema como laboratório seguro para o encontro com o Real.

Há, contudo, um risco inerente ao gênero: em alguns capítulos (especialmente os dedicados à espiritualidade e ao “realismo otimista”), a reflexão teórica flerta com o tom da “autoajuda intelectualizada”. Ainda assim, a autoria psicanalítica e a confissão da fragilidade impedem que o texto se torne prescritivo.

5. Dimensão Social e Política

A obra não se fecha no íntimo. Os apêndices e o capítulo sobre disparidade socioeconômica funcionam como “contraponto estrutural”, lembrando que a experiência do câncer é também um fenômeno de classe. A denúncia do abismo entre

SUS e rede privada, aliada ao elogio à humanização do ICTr e do HNSG, posiciona Lanz como pensadora da saúde pública.

Soma-se a isso a naturalidade com que sua identidade trans é tratada pela família e, em contraste, a menção ao medo de discriminação hospitalar – um lembrete silencioso de que o corpo doente também é um corpo politizado. A autora demonstra que a dignidade no tratamento não é “algo a mais”, mas condição *sine qua non* para a cura.

6. Tensões e Limitações

Como toda narrativa de adoecimento, a obra flerta com a necessidade de dar sentido ao sofrimento. Algumas passagens podem, inadvertidamente, ecoar o “self resiliente”, ainda que Lanz o subverta ao admitir o colapso e ao recusar a performance da “guerreira”.

A inserção dos apêndices, embora documental e socialmente relevante, rompe levemente o fluxo literário, funcionando mais como dossiê do que como extensão orgânica da narrativa. Por fim, a teoria psicanalítica, por vezes, é aplicada de forma mais ilustrativa do que dialética; um diálogo mais tenso com os limites da psicanálise diante do orgânico poderia enriquecer futuras edições.

7. Conclusão: Lugar no Cânone e Relevância Contemporânea

Minha Vida com Câncer é uma obra de fôlego intelectual e densidade afetiva. Letícia Lanz consegue o que poucas narrativas oncológicas alcançam: pensar a doença sem fetichizá-la, nomear a dor sem estetizá-la e afirmar a vida sem negar a morte. Sua contribuição maior reside na recusa dos clichês da superação e na aposta na vulnerabilidade como lugar de conhecimento.

Insere-se com mérito no cânone contemporâneo das escritas do adoecimento, dialogando com Sontag, Frankl e Oliver Sacks, mas com uma voz inconfundivelmente brasileira, psicanalítica e atravessada pela experiência trans. É um livro que não promete cura, mas oferece lucidez, companhia e um método para habitar a finitude com dignidade. Mais do que um relato médico, é um tratado ético sobre o que significa continuar viva quando o óbvio se desfaz. Uma leitura necessária para tempos que confundem resiliência com invulnerabilidade.